



Entre a prosperidade e o ódio: reflexões sobre a suástica a partir do caso do cemitério São Miguel da Cidade de Goiás (1936)

Frederico Tadeu Gondim
Universidade Federal de Goiás
fredericotdg@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa partiu do estranhamento causado por um símbolo peculiar inscrito em uma lápide do Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás e que remete a um austríaco falecido na antiga capital em 1936: trata-se da suástica. O estranhamento decorre de concepções historicamente elaboradas em torno do símbolo, hoje visto como “símbolo nazista”, impregnado dos crimes de ódio promovidos por Hitler e seus seguidores; por isso mesmo, em choque com a realidade do campo santo. Por outro lado, a pesquisa bibliográfica mostra que a suástica é um símbolo milenar no passado dos povos indo-europeus, apresentando função decorativa em objetos de seu cotidiano, podendo ser percebida também como um amuleto de boa sorte (WILSON, 1896). No sânscrito, seu nome remete à prosperidade, enquanto o Budismo conferiu-lhe um caráter sagrado. Ressignificada por Hitler, imbuíu-se do terror e violência nazistas, que culminaram no Holocausto. No ano de falecimento do austríaco na Cidade de Goiás, porém, a suástica podia ser vista ainda como expressão de um partidarismo, sendo possivelmente está a memória do morto legada aos vivos. Símbolos, portanto, devem ser contextualizados, para se pensar seus significados múltiplos e, por vezes, contraditórios.

Palavras-chave: Cemitério. Suástica. Cidade de Goiás.

É possível dizer que, durante o século XIX, o Brasil testemunhou uma reconstrução das atitudes e pensamentos em diferentes esferas de sua vida cultural e sociopolítica, com base em um ideal europeu de civilização e modernidade. Certamente esse conjunto de novas posturas não se fez presente em todos os locais ao mesmo tempo, mas seus efeitos legaram mudanças até hoje perceptíveis. Um exemplo advém do discurso higienista, que, conforme lembra Cymbalista (2002), retirou os mortos das igrejas brasileiras e os levou para os cemitérios fora da zona urbana. É em meio a esse contexto que foi criado o primeiro cemitério da antiga capital do Estado de Goiás.

O Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás foi inaugurado em agosto de 1858 (BORGES, 2005), permanecendo, por mais de seis décadas, a cargo do Hospital São Pedro de Alcântara, instituição vinculada à Igreja. Somente em 1925, passou a ser administrado pelo município, embora sua secularização não tenha representado um rompimento com seu caráter fortemente religioso, ratificado pela recorrência de cruzes, crucifixos e imagens sacras, entre outros elementos cristãos, na decoração dos túmulos.



Os cemitérios convencionais do século XIX, como é o caso do Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás, reproduziam uma concepção urbanística, contando com vias, alamedas e quadras numeradas, e os sepultamentos possuíam também um número próprio, denominado perpétua, de modo que, dentro desse contexto que Ariès chamou de “cidade dos mortos” (ARIÈS, 2014, p. 675), era possível localizar o falecido por seu endereço. Dentro dessa proposta, que se constitui um reflexo especular da cidade dos vivos, o Cemitério São Miguel conta atualmente com 40 quadras resultantes de diversas ampliações, cobrindo uma área total de 20.734 m² (BORGES, 2017).

Minha pesquisa no Cemitério São Miguel teve início em 2017, quando localizei na quadra 7 (Figura 1) uma lápide peculiar. Esta quadra destinava-se originalmente às sepulturas “por tempo de dez ou mais anos”, conforme regimento publicado no Correio Oficial de Goyaz, em 1859 (RABELO, 1997, p. 34). A lápide em questão, presente no túmulo de perpétua 314, remete a um austríaco falecido na Cidade de Goiás em 1936 (aos 33 anos de idade), e traz inscrita em sua porção inferior uma suástica (Figura 2), símbolo que hoje causa estranhamento pela ressignificação promovida pelos nazistas – estabelecendo assim um choque com a realidade sagrada do cemitério – mas que deve ser pensado em sua temporalidade; de um lado, por se tratar de um símbolo milenar no passado dos povos indo-europeus, de outro, pelo próprio ano de falecimento do estrangeiro, quando a suástica se vinculava possivelmente a uma expressão partidária, e não ainda ao Holocausto (GONDIM, 2017).

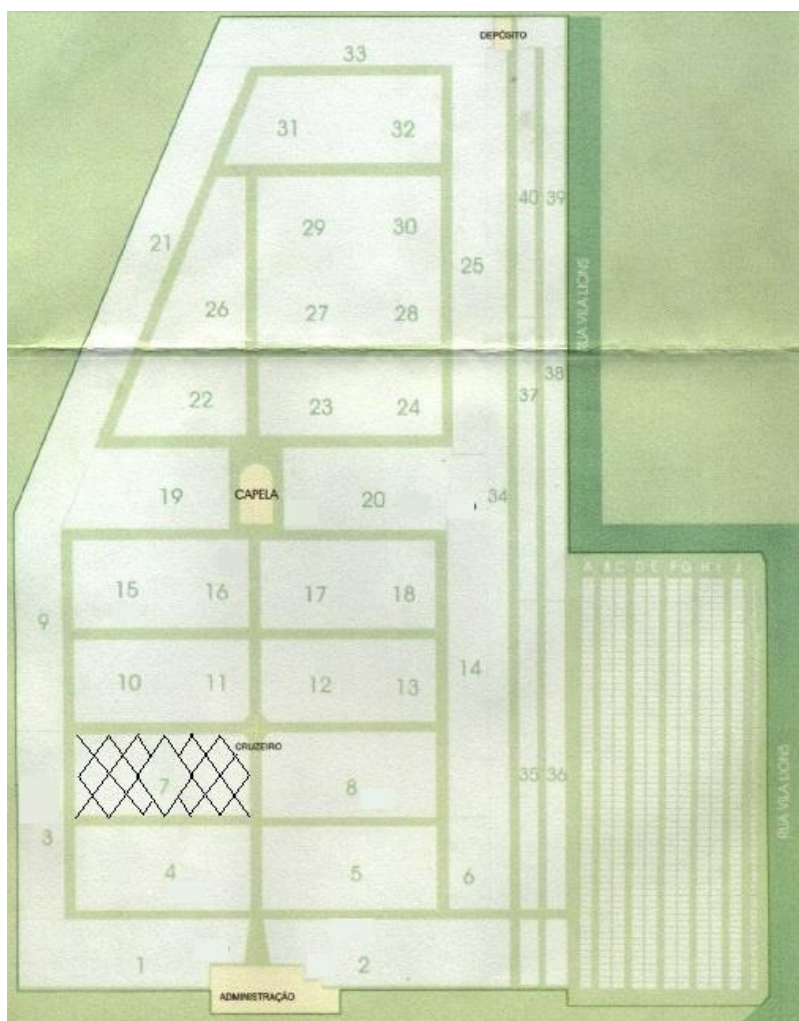


Figura 1 – Planta atual do Cemitério São Miguel com localização da quadra 7.
Fonte: Adaptado de BORGES, 2005.



Figura 2 – Lápide com suástica em sua porção inferior, 1936. Fonte: GONDIM, 2017.

Partindo da definição de Geertz (2008) de símbolos enquanto formas concretas que carregam consigo conotações que estão além dessa dimensão imediata e dizem respeito a crenças, juízos, ideias compartilhadas por grupos, serão retomadas neste



momento duas análises feitas sobre a suástica, as quais, em diferentes circunstâncias – segunda metade do século XIX e final do século XX –, pensaram-na dentro de um amplo espectro de significados, abrangendo da prosperidade ao ódio. O levantamento bibliográfico é importante nessa etapa inicial da pesquisa, por levar em conta o caráter histórico da suástica. Além disso, ao reforçar que símbolos são contextualmente construídos, ele não só esclarece por que a suástica se fixou para a maior parte das pessoas na atualidade como “símbolo nazista”, como também instiga a buscar e a refletir sobre as diferentes formas como os vilaboenses podem reelaborá-la no contexto sagrado do cemitério, a despeito da perspectiva a-histórica predominante de um símbolo “criado” por Hitler.

O símbolo milenar

Em 1894, Thomas Wilson, curador do Departamento de Antropologia Pré-histórica do Instituto Smithsonian, nos Estados Unidos, foi abordado sobre a existência de estudos norte-americanos e ingleses em torno da suástica. Após um levantamento infrutífero, Wilson resolveu compilar os trabalhos então existentes sobre o símbolo na forma de um relatório publicado dois anos mais tarde, ao qual deu o nome de *The Swastika, the Earliest Known Symbol and Its Migrations: With Observations on the Migration of Certain Industries in Prehistoric Times*¹.

Embora ao longo dos estudos catalogados por Wilson o símbolo tenha recebido diferentes nomes como *croix gammée*, *gammadion* ou *flyfot*, foi o termo sânscrito “suástica” que passou a ser mais comumente adotado. Segundo Dumoutier (1885, p. 329 apud WILSON, 1896, p. 769, tradução nossa), pode ser decomposto da seguinte forma: “*Su*, radical, que significa *bom, bem, excelente*, ou *suvitas*², prosperidade. *Asti*, terceira pessoa singular, indicativo do presente do verbo *as*, ser, que é *sum* em Latim. *Ka*, sufixo que forma o substantivo”.

¹ Em tradução livre, “A suástica, o símbolo mais antigo de que se tem conhecimento, e suas migrações: com observações sobre a migração de certas indústrias em tempos pré-históricos”.

² O termo sânscrito “suvita” traduz-se em prosperidade, ou caminho próspero, bem-estar, fortuna. Fonte: Sanskrit Dictionary. Disponível em <www.sanskritdictionary.com/suvita/16832/2>. Acesso em: 06/06/2019.



Já a origem específica do símbolo bem como seu primeiro significado são questionamentos descartados logo de início por Wilson, que os considera “perdidos na antiguidade” (WILSON, 1896, p. 764). Assegura apenas se tratar de um símbolo presente em todo o mundo e que remonta à Pré-História, pois as ocorrências mais recuadas de que se tem conhecimento – embora as pesquisas não forneçam datas precisas – associam-se a artefatos da Idade do Bronze. Wilson (1896) adentra então um imbróglio de interpretações feitas até então pelos diferentes estudiosos da suástica, que ora lhe conferiam sentido a partir de suas associações com outros símbolos – a exemplo de D’Alviella que a considerava um símbolo solar, por se associar, em alguns artefatos, a animais solares como gansos, cavalos, e assim por diante; havendo outras leituras nessa mesma lógica, que vinculavam a suástica ao fogo, à água, à lua, a deuses –, ora com base em sua orientação, a exemplo de Burnouf, que sugere que sua representação voltada à esquerda ou direita dizia respeito aos princípios masculino e feminino. De sua parte, Wilson (1896) termina em cima do muro, admitindo que independentemente dos significados que a suástica possa ter tido no passado – para o autor, não há um embasamento consistente nas interpretações dos estudiosos –, prefere afirmar somente seu caráter ornamental. Além disso, tais interpretações não excluem outras que nem mesmo consideravam a suástica imbuída de um caráter simbólico, tomando-a por mero elemento decorativo (LANG, 1884).

O resultado desse dissenso interpretativo será retomado no próximo tópico. Cabe ressaltar, por ora, que não se discutirá aqui essa pluralidade de significados, embora parte do interesse nessa fonte seja mostrar que houve várias tentativas divergentes de “desvendar” a suástica. O que mais interessa neste momento é ilustrar brevemente a presença da suástica em diferentes locais, enquanto símbolo milenar. Se por um lado, a ênfase tende a recair no passado dos povos indo-europeus, a partir de objetos de toda sorte, como vasos (Figura 3), estatuetas (Figura 4), urnas funerárias (Figura 5), pontas de lança (Figura 6), pentes (Figura 7), entre tantos outros, vale ressaltar que o símbolo aparece também em contextos como África (Figura 8) e América (Figura 9).



Figura 3 – Vaso com suásticas, encontrado no Chipre. Atribuído à Antiguidade Clássica. Fonte: WILSON, 1896.



Figura 4 – Estatueta de terracota com suásticas, encontrada no Chipre. Atribuída à Antiguidade Clássica. Fonte: WILSON, 1896.



Figura 5 – Urna funerária com suásticas, encontrada na Itália. Atribuída à Idade do Bronze. Fonte: WILSON, 1896.

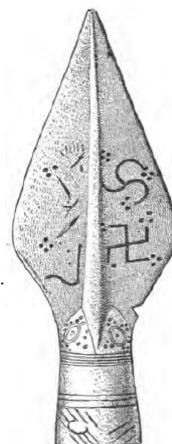


Figura 6 – Ponta de lança com suástica inscrita, encontrada na Alemanha. Atribuída à Idade do Bronze. Fonte: WILSON, 1896.

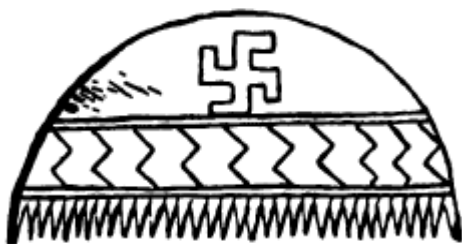


Figura 7 – Pente com suástica, encontrado na região da Escandinávia. Atribuído à Idade do Bronze. Fonte: WILSON, 1896.

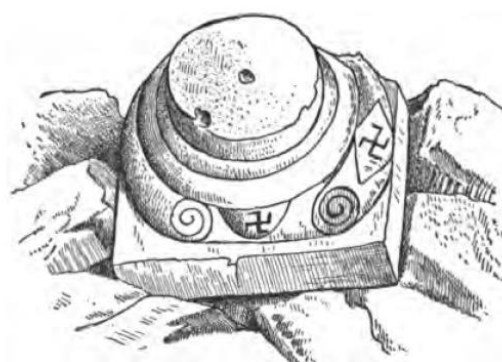


Figura 8 – Base de coluna de edifício romano que se situava na Argélia, África. Período não determinado. Fonte: WILSON, 1896.

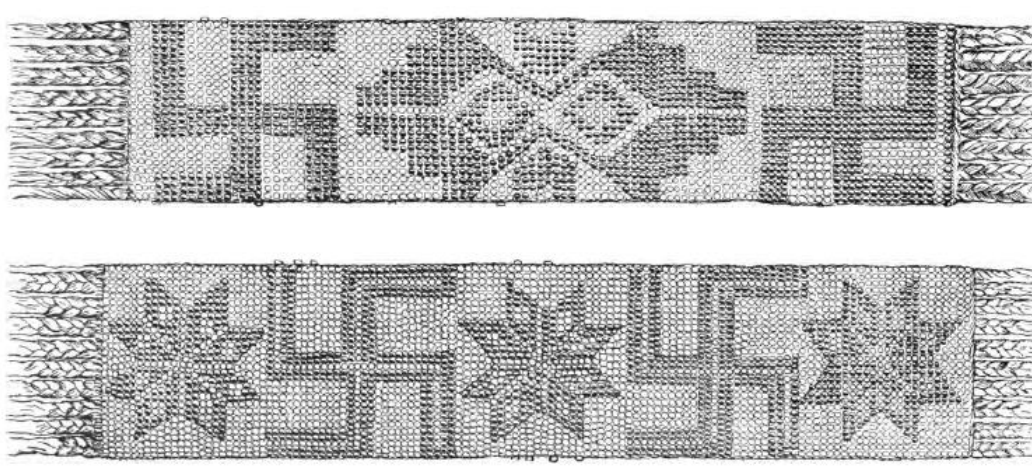


Figura 9 – Artefatos de contas utilizados pelos indígenas do grupo Sac (ou Sauk) nos Estados Unidos no final do século XIX. Fonte: WILSON, 1896.

O mito moderno do homem ariano e a suástica nazista

Entender a ressignificação da suástica pelos nazistas no século XX exige pensar primeiramente no mito moderno do homem ariano. É precisamente no século XVIII que Motadel (2013) localiza uma retomada do termo “ariano” por pesquisadores interessados nos textos persas e indianos bem como na obra sagrada védica. Nesse mesmo momento, também estão em destaque estudos linguísticos preocupados em pensar os povos indo-europeus a partir das familiaridades existentes entre o sânscrito, o persa e as línguas greco-latinas. Em tal cenário, o termo “ariano” ganhou uma nova dimensão a partir das ideias alimentadas em grande parte por pesquisadores alemães a respeito de uma antiga comunidade (*Volk*) a qual teria compartilhado, entre outros elementos culturais, uma mesma língua no passado. Para instigar a discussão, ainda segundo o autor, o filósofo alemão Friedrich Schlegel sugeriu já no início do século XIX que os ancestrais germânicos teriam vindo da Ásia, fomentando assim o mito da migração de um povo ariano primordial.

Em um momento em que o debate linguístico passava a se associar a outros interesses de ordem biológica, teóricos raciais se apropriaram da controvérsia em torno do homem ariano e passaram a falar de uma “raça ariana”, marcada não só por traços físicos característicos, mas sobretudo por um caráter superior. Alinharam-se a esse discurso, conforme Motadel (2013), aqueles de homens influentes como Christian

Lassen (discípulo de Schlegel) e do aristocrata francês Arthur de Gobineau, que insistiam em um antagonismo entre arianos, pensados em termos de uma elite destinada a guiar a humanidade, e semitas – termo empregado à época para englobar genericamente judeus e árabes, com ênfase nos primeiros – apontados como egoístas e conturbados.

Assim, no mesmo período em que Wilson compilava seus dados, já estava em voga na Alemanha o mito moderno do arianismo. Vale ressaltar que as três últimas décadas do século XIX representaram também um momento de redefinição política (e por que não identitária) do povo alemão, com o início do Segundo Império Alemão em 1871. Como bem sugere Hobsbawm (2008, p. 286), é o momento propício à invenção de tradições, mobilizando para tanto uma “variedade de referências, indo desde a mitologia e folclore (...), passando pelos estereótipos simplificados das charges, até a definição da nação em termos de seus inimigos”. E nesse ponto, a Pré-História caiu como uma luva.

Afinal, foi entre os anos de 1870 e 1890 que o arqueólogo alemão Heinrich Schliemann coordenou as escavações no sítio arqueológico de Hissarlik, situado na Turquia e atribuído à mítica Troia. O trabalho desenvolvido por Schliemann é alvo de controvérsia até os dias atuais, seja pela qualidade problemática de seus métodos de escavação, pouco preocupados com o rigor científico, seja por sua abordagem irresponsável dos textos tradicionais das mitologias homérica e védica, os quais ele passa a vincular ao mito ariano em voga (EASTON, 1998; QUINN, 1994). De todo modo, Schliemann acabou por encontrar em Hissarlik um grande número de objetos nos quais foram inscritas formas que lembravam àquela da suástica já conhecida da Índia, e, em mais uma decisão discutível, ele passou a se referir prontamente a elas pelo termo “suástica” (Figuras 10 e 11)

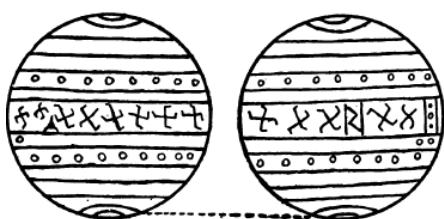


Figura 10 – Esferas de terracota com inscrições de suásticas, encontradas durante escavação empreendida por Heinrich

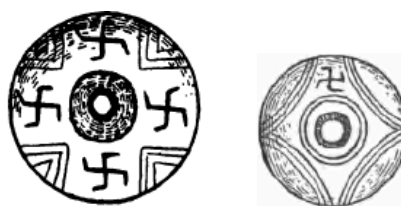


Figura 11 – Exemplos de espirais de fuso com inscrições da suástica, encontradas durante escavação empreendida por Heinrich



Schliemann no sítio arqueológico de Hissarlik, na Turquia. Fonte: WILSON, 1896.

Schliemann no sítio arqueológico de Hissarlik, na Turquia. Fonte: WILSON, 1896.

O envolvimento desses objetos por Schliemann em um esquema ariano a partir de um interesse pessoal mais voltado às migrações de outrora – e não necessariamente motivado por um entusiasmo antissemita – abriu precedente para que arianistas entrassem com seu discurso racista algum tempo depois. É nesse aspecto que Quinn (1994) fala de um desenraizamento da suástica de seus respectivos contextos e significados no passado, pois, a exemplo daquelas de Hissarlik, sem sentidos imediatamente interpretáveis, e por isso também pensadas a-historicamente, estabelecem conexões com a nova Alemanha que vinha se configurando social e politicamente.

Partindo do discurso dos arianistas de uma “perda da tradição” da raça ariana ao longo dos séculos, a qual voltava agora à tona, a suástica tornou-se elemento estratégico. Quinn (1994) a denomina como o instrumento da autorreferência ariana, que opera justamente diante da impossibilidade de se traçar a origem exata da suástica, assim como pela confusão gerada na tentativa de interpretá-la em suas diversas ocorrências pelo mundo, levando, como já evidenciado, a uma falta de consenso entre pesquisadores. O autor prefere assim não tratar a suástica enquanto símbolo passivo, sob o risco de incorrer no mesmo imbróglio, principalmente ao pensar a suástica apropriada pelo partido nazista – aquela que, nas palavras de Hitler (1962, p. 311), representava “a missão da luta pela vitória do homem ariano simultaneamente com a vitória da nossa missão renovadora que foi e será eternamente antissemita”.

Para Quinn (1994), a suástica nazista deve ser pensada como uma imagem ativa que visa produzir significados, à medida que mobiliza e desperta a “identidade racial”. Assim o faz, por exemplo, o estandarte nazista (Figura 12), utilizado em eventos como comícios (Figura 13) e desfiles do partido, após a ascensão de Hitler ao poder em 1933. Segundo o discurso arianista, essa identidade deveria ser reconstruída e preservada a partir daquele momento pelos descendentes da “raça superior”.



Figura 12 – Estandarte da Alemanha nazista com os dizeres “Alemanha, desperte” vinculados à suástica ao centro. Fonte: Site do Gettysburg Museum of History, 2019.

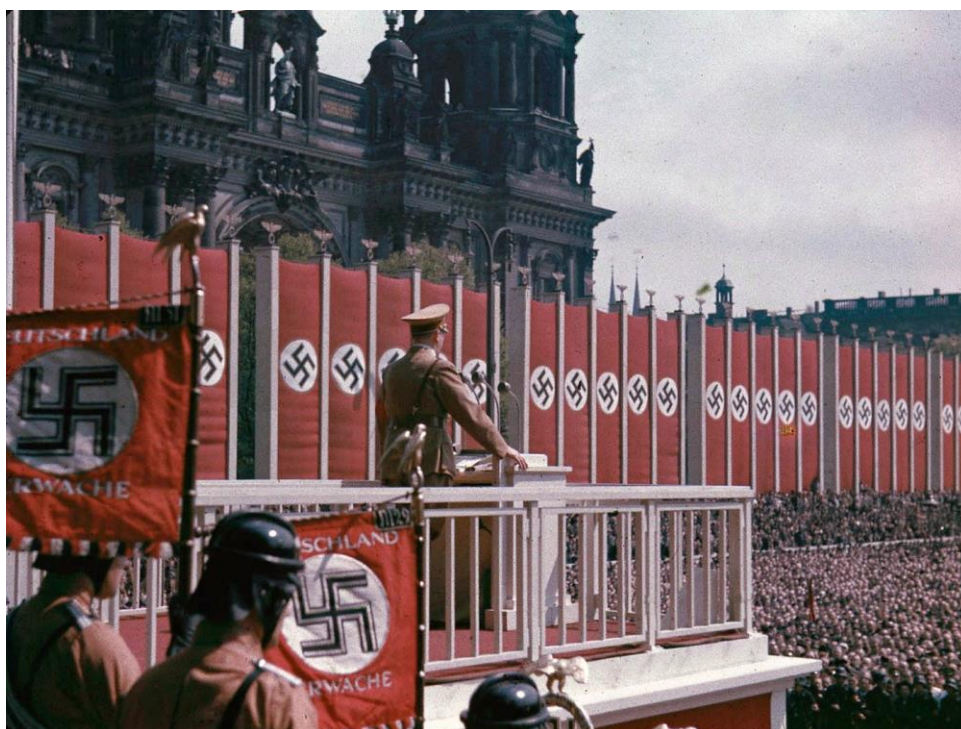


Figura 13 – Comício na Alemanha nazista. Ao fundo, faixas portando a suástica, e no canto inferior esquerdo, detalhe dos estandartes com os dizeres “Alemanha, desperte”. Fonte: Site Rare Historical Photos, 2019.



A imagem da “raça ariana” imbuu-se assim de um caráter teleológico: não se resumindo mais ao passado, apontava em direção ao que devia ser, a uma revelação, à salvação nacional e conquista do *Lebensraum*, o espaço vital onde se reuniriam os descendentes dessa raça. Ideia bastante sedutora para um país que, após a Primeira Guerra Mundial, encontrava-se arrasado pela fome, miséria e inflação, além de humilhado pelo Tratado de Versalhes.

Na prática, o discurso de ódio não atingiu apenas judeus, mas todos aqueles tidos pelos nazistas por inferiores. Em seu *site* oficial, o Museu Memorial do Holocausto, nos Estados Unidos, oferece estatísticas aproximadas das vítimas do extermínio que se seguiria pelo Terceiro Reich, após a chegada de Hitler ao poder em 1933, sendo que, de acordo com a atualização realizada em 04 de fevereiro de 2019, contabilizam-se ao menos 70.000 indivíduos categorizados como “antissociais” – termo genérico que incluía desde criminosos a homossexuais –, entre 196.000 e 220.000 ciganos, até 250.000 portadores de deficiências, e uma estimativa emblemática de 6 milhões de judeus e outros milhões de civis e prisioneiros de guerra soviéticos. Se em algum momento no passado a suástica havia de fato se vinculado a bons auspícios, não foi essa a mensagem que marcou a suástica nazista.

Considerações finais (ou novos começos)

A pesquisa em História sempre parte de indagações do presente para pensar o passado. Se hoje a suástica desperta estranhamento no contexto sagrado do Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás, é porque o olhar atual tem por base pré-concepções historicamente elaboradas a respeito do símbolo, percebendo-o como impregnado de crimes de ódio e um discurso racista. Nesse sentido, símbolos devem ser contextualizados, para então serem estudados e quiçá melhor compreendidos.

No caso em questão, é possível afirmar, por exemplo, que em 1936, ano de falecimento do Sr. Jessl, a suástica não se associava ao Holocausto, de modo que representar a memória do estrangeiro por meio desse símbolo não seria uma decisão



duvidosa. Vale lembrar que a suástica inscrita na lápide vem acompanhada de dizeres afetuosos, o que sugere que o morto era uma pessoa querida àqueles mais próximos.

O que a bibliografia demonstra é que a suástica foi um caso à parte, desde que pesquisadores voltaram sua atenção para ela no século XIX. Sua ocorrência – ou ao menos a daquelas formas que lembravam à da suástica indiana, levando a uma posterior nomeação de todas essas formas de “suástica” – desafiava a Razão tão valorizada naquele período; afinal, a suástica não só remontava à Pré-História como aparecia em diferentes lugares do mundo. A tentativa de contextualizá-la e lhe conferir significados só gerou mais controvérsia, favorecendo, por outro lado, sua apropriação por arianistas e a construção de um referente que a desvincularia de todos os seus outros possíveis sentidos. A ratificação, por assim dizer, viria com os nazistas ao longo da primeira metade do século seguinte.

Diante disso, surgem novos questionamentos: será mesmo que a suástica se tornou um símbolo exclusivamente nazista? Ao se pensar nas pessoas que visitam o cemitério – e aqui cabe ir por partes, elegendo-se, a princípio, apenas os vilaboenses –, não seria esse público capaz de lhe conferir novos sentidos, a partir de seu *ethos* e experiências de vida? Quais contribuições os estudos da memória e do imaginário trariam a essa pesquisa? Enfim, se símbolos devem ser contextualizados, esta pesquisa propõe-se a perguntar, em sua etapa seguinte, quais outras percepções a Cidade de Goiás tem sobre a suástica.

Referências

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BORGES, Maria Elizia. **Cemitério São Miguel**. Goiânia: Faculdade de Artes Visuais – Universidade Federal de Goiás. 2005. Folder.

_____. **Um olhar sobre o espaço da morte = Un regard sur l'espace de la mort**. Goiânia: Gráfica UFG. 2017.

CYMBALISTA, Renato. **Cidade dos vivos**: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios de São Paulo. São Paulo: Annablume: Fapesp. 2002.

EASTON, Donald. Heinrich Schliemann: Hero or Fraud? **The Classical World**, Baltimore, v. 91, n. 05, p. 335-343, 1998.



GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13ª reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONDIM, Frederico Tadeu. **Uma suástica no Cemitério São Miguel da Cidade de Goiás**: símbolo envenenado e arqueologia pós-processual. 2017. 95 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Arqueologia) – Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

HITLER, Adolf. **Minha luta**. 8ª ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1962.

HOBBSAWM, Eric. A produção em massa de tradições: Europa, 1879 a 1914. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cerdim Cavalcante. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

LANG, Andrew. **Custom and Myth**. Londres: Longmans, Green and Co. 1884.

MOTADEL, David. Iran and the Aryan Myth. In: ASARI, Ali Massoud (Ed.). **Perceptions of Iran: History, Myths and Nationalism from Medieval Persia to the Islamic Republic**. London: I.B. Tauris, 2013.

QUINN, Malcolm. **The Swastika: Constructing the Symbol**. New York: Routledge, 1994.

RABELO, Danilo. **Os excessos do corpo**: a normatização dos comportamentos na Cidade de Goiás, 1822-1889. 1997. 215 f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 1997.

WILSON, Thomas. **The Swastika, the Earliest Known Symbol, and Its Migrations**: With Observations on the Migration of Certain Industries in Prehistoric Times. Washington: United States National Museum. 1896.

Sites consultados

Gettysburg Museum of History. **Original German Nazi Party SS Deutschland Erwache Standart**. Disponível em: <<https://www.gettysburgmuseumofhistory.com/portfolio/original-german-nazi-party-ss-deutschland-erwache-standard/>>. Acesso em: 06/06/2019.

Rare Historical Photos. **Color Photos from Pre-War Nazi Germany**. Disponível em: <<https://rarehistoricalphotos.com/color-photos-from-nazi-germany/>>. Acesso em: 06/06/2019.

United States Holocaust Memorial Museum. **Documenting Numbers of Victims of the Holocaust and Nazi Persecution**. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/documenting-numbers-of-victims-of-the-holocaust-and-nazi-persecution>> Acesso em: 06/06/2019.